

BRASIL-PORTUGAL

16 DE ABRIL DE 1908

N.º 222

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 4.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.



JESUS

QUADRO DE CARLO DOLCE EXISTENTE NO MUSEU DE DRESDE



Christo conduzindo a cruz

Quadro de Paulo Veronese existente no Museu de Dresde

No pé da cruz

bellamente emocionado ao glorificar a bondade immaculada, que se patenteou tão dedicada e inconfundível no Golgotha, ao realizar-se o resgate do genero humano.

PADRE F. J. PATRICIO.

Quem fosse á hora do crepusculo, guiado pelas ultimas fulgurações do poente, visitar a collina dos supplicados, que distava pouco da vetusta muralha da cidade dos prophetas, teria occasião de vêr, erguida no alto, desenhando-se sobre as nuvens d'uma cor indecisa, uma cruz, pesada como a severidade das penas infamantes e negra como a noite do crime.

A alvura do corpo do condemnado, que a vindicta publica expozera alli, era cortada pelos signaes d'um longo martyrio: tumidos vergões, longas cisuras e multiplicadas manchas de sangue.

Uns suspiros magoados, soltos de labios tremulos como as violetas e roxos como os lyrios, indicavam que estava junto do madeiro dos tormentos a mãe do justicado.

Jesus era a dedicação suprema que vinha resgatar a humanidade. Maria era a ternura da resignação que vinha balsaminar os corações alanceados. Jesus tinha a cabeça pendente sobre o peito, como se os seus olhos que espelhavam aquelle puro céu da Palestina ainda nos apontassem o coração, que era um sacrario d'amor. A Mãe, essa estava com o corpo junto á cruz e a alma unida ao crucificado!

Este quadro revelou á humanidade a mais bansamizante resignação; ensinou uma nova theoria com que supportassemos n'este mundo os golpes do soffrimento — junto á cruz e unidos ao crucificado!

O symbolo augusto da nossa crença é um gigante de braços abertos para abranger no amplexo da fraternidade christã a humanidade inteira.

Voltar as costas á cruz e fugir da sombra benefica das suas consolações é guiar os homens para esse labyrintho de dores sem conforto, de ancias sem termo, de desalentos insuperaveis que conduzem ao suicidio!...

Voltar as costas á cruz e ausentarmo-nos da periferia que ella marca no mundo moral com o suavissimo perfume dos balsamos da religião é precipitar a onda popular nos extremos da miseria, no fragor das luctas sociaes que vão até aos excessos da anarchia.

Duplamente desgraçados os que se afastam da cruz e repellem as doutrinas do crucificado, que são consolação para todas as afflicções.

A cruz é o amparo dos que veem regando com lagrimas o caminho da existencia! Jesus é a consolação infinita dos que professam a sua doutrina, feita com as irradiações da verdade, os encantos da paz e as docuras do amor! Junto á cruz estava a Mãe, a bondade exposta ao tormento e ás mais duras provações; mas resignada, heroica e deslumbrantissima, porque estava unida a Jesus!

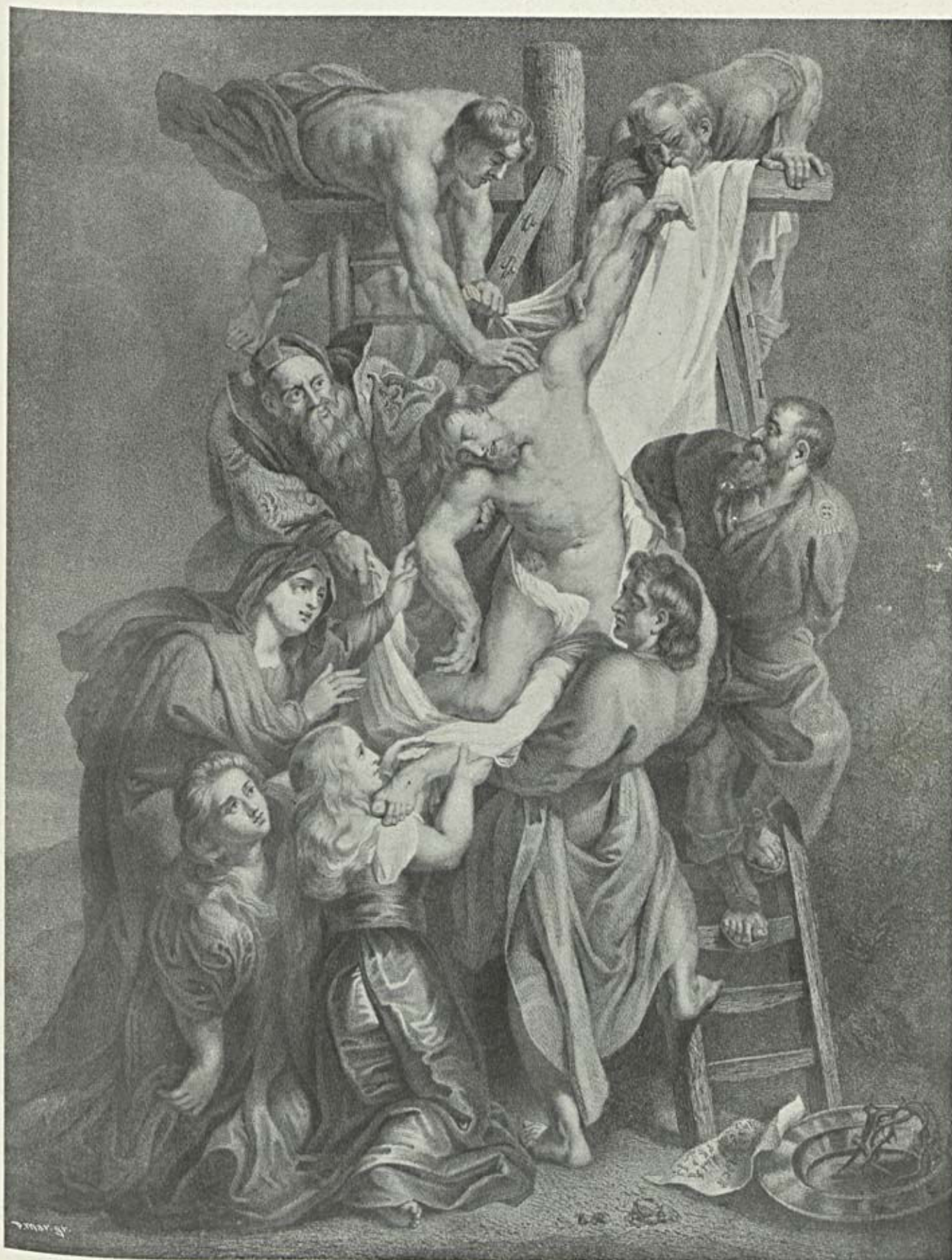
O heroismo tem laureis, o martyrio palmas; mas a bondade ostenta a delicadissima açucena da virtude. Celebramos com entusiasmo os heroes e os martyres; mas o nosso coração sente-se mais



Oração da manhã

Quadro de Basin

O DESCIMENTO DA CRUZ



QUADRO DE RUBENS EXISTENTE NA EGREJA DE S. JACQUES EM ANTUERPIA



Christo e S. Matheus. — Quadro de Pordenone

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

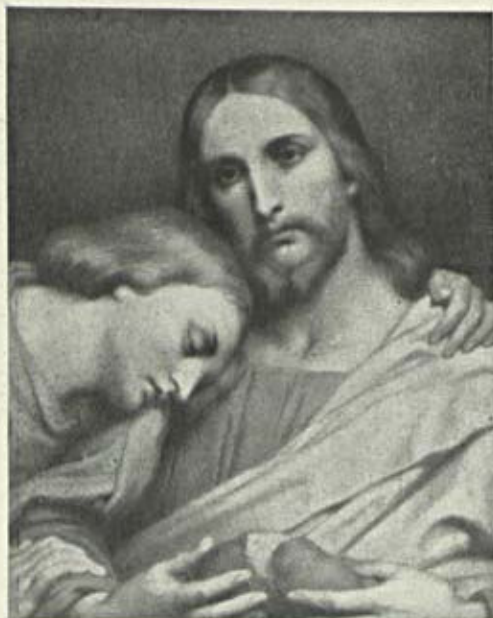
XLII

Semana Santa.— Abre-se um parenthesis de paz na lucta da existencia.— A «Imitação de Christo». Um livro admiravel que poucos conhecem.— A obra de Christo resistindo á acção demolidora das pretendidas conquistas do homem no campo philosophico. Amar, soffrer e crêr.— O sacrificio de Jesus e o homem, nosso irmão e seu verdugo.— Cumprimentos de boas-festas.

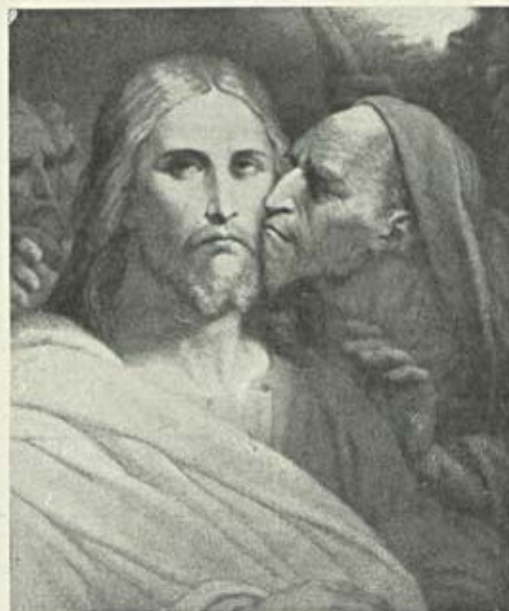
A hora a que fôr distribuido o presente numero do *Brasil-Portugal*, a Egreja commemorará o mysterio da Paixão. Estaremos na

Semana Santa, doce, sagrado parenthesis de paz, aberto na refrega dos principios, na lucta cada vez mais accessa dos interesses, solução de continuidade das paixões que agitam as almas e turbam os entendimentos, para lhes dar um momento de trégua em que possam defrontar-se prosternadas ante a augusta magestade d'essa tragedia que, volvidos vinte seculos, ainda assombra a humanidade pela grandeza moral nunca igualada das suas santas origens, dos principios evangelisados pelo homem sublime, nosso irmão, que por nosso bem e para nosso bem, prégou intemeratamente a Paz e o Amor e que pela nossa felicidade pela Paz e pelo Amor encontrou morte afrontosa, crucificado n'um madeiro, entre ladrões, depois de ter soffrido torturas até então ainda não inventadas pela cobardia humana e depois nunca excedidas.

Philosophias, principios, religiões, seitas, tudo quanto a intelligencia e o sentimento humano tem creado de então para cá se tem modificado sensivelmente, quando não tem desaparecido de todo da



Christo e S. João



O beijo de Judas

memória dos homens. A lufada da descrença tudo tem varrido. Cada dia o homem, na laboração potentíssima da sua intelligencia, amplia, desenvolve, corrige, cria, inutilizando a obra da vespera, n'uma corrida vertiginosa para a suprema perfeição. E no entanto a obra espantosa de Christo resiste aos terríveis vendavais que em volta d'ella



A ceia do Senhor. — Quadro de Leonardo de Vinci

se desencadeiam e se por um momento, no horror e negrume da procella, a Cruz, symbolo sacratissimo da religião christã, desaparece, é para pouco depois voltar a apparecer-nos, mais esplendente, radiando a pura e intensissima luz da verdade que — ai de nós! — não penetra até os intimos recessos de todas as almas.

Tenho aqui, sobre esta mesa em que trabalho, um grande, admiravel livro, reliquia sagrada que conservo com devoção, porque quando concentro o meu espirito na sua salutar leitura vejo as paginas delidas pelas lagrimas da sua possuidora de muitos annos, a pobre martyr que foi minha mãe. E' a *Imitação de Christo*.

Pouca gente conhece este livro unico. Dos novos, então, talvez nem um. Que eu saiba, relia-o constantemente e por elle tinha um grande culto o poeta Antonio Nobre. Compreende-se. Nobre foi um grande, generoso espirito, que pairou sempre alto, muito alto.

Pois bem. Eu não creio haja alma sceptica que n'um lance de

uma philosophia, varrendo do nosso espirito a Duvida terrivel, esse monstro invisivel que nos acompanha pela vida fóra, como outr'ora o Simeão e o Cleophas, pela estrada de Samaria, a caminho do conselho dos onze.

Quantos annos tem este livro? Quantas creaturas o teem lido com olhos turvos de lagrimas buscando n'elle alivio para a alma conturbada? Como se explica que a sua doutrina atravesse incolume seculos, resistindo ao furioso embate das pretendidas conquistas do espirito humano no vastissimo campo da philosophia?

E' que toda essa doutrina se resume simplesmente n'isto: amar, soffrer e crêr. E' que nas suas sublimes paginas esvoaça, invisivel, o espirito de bondade que foi toda a força de Jesus sobre a bruteza humana, toda a ternura d'esse ser ideal que sonhou a perfeição do homem e para ella viveu e por ella morreu.

Oh doce e terno visionario, que um dia sonhaste a paz, a concórdia entre os homens, como é doloroso constatar que de nada valeu o teu sublime sacrificio! Para que tanta dôr, tanta afronta, tanta ingratidão, tão horrendo martyrio soffrido, Senhor! Os que vos rasgaram a fronte com espinhos, que vos cuspiram as faces, que vos crucificaram affrontosamente entre bandidos, não desapareceram da terra n'um sorvedouro que a seus pés cava a colera divina para castigo de sua fereza e maldade; ficaram, sobreviveram á sua obra impia e cruel, reproduziram-se, — e, oh meu doce Amigo, a vida tal qual a vivemos os que em vós creém, não nos dá a impressão de que elles — os homens de hoje, nossos irmãos — sejam melhores que os da época em que na Terra viveste.

Se a vossa obra estupenda subsiste, pairando triumphante sobre as miserias humanas, o Egoismo, que ninguém prégou porque em todas as almas tem guarida, resiste á sua acção, cavando horrendos abysmos á paz, ao amor, á fraternidade, que foram o vosso grande sonho, n'uma época em que era possível sonhar, e que são uma utopia hoje, n'uma época em que quasi não é possível pensar!

Antecipadamente desejo aos leitores d'esta Revista — e n'estes gratos cumprimentos sou acompanhado por todos os da casa, — festas muito felizes.

O anno é bissexto e tem sido um dos peores dos meus quarenta. Para o leitor, tambem, visto que o 908, áparte umas sortes grandes da Santa Casa — que naturalmente teem sahido a estrangeiros — não



Magdalena. — Quadro de G. Battoni

amargura, abrindo ao acaso este livro consolador, não encontre em qualquer passagem balsamo que adormeça a sua dôr, cordeal que lhe fortifique o espirito atribulado. E' o remedio das almas; é o desinfectante dos espiritos. Torna-nos aptos para a luta da vida robustecendo-nos pela crença e pela resignação. Crê e resigna-te! — eis o que elle nos diz em cada uma das suas phrases que vale toda

tem dado a ninguém mais que desgostos e dos mais profundos. Que elle ao menos se digne abrir um parenthesis de relativa tranquillidade na Paschoa que se approxima, e que todos possâmos, com o espirito mais desanuviado, beber pela felicidade d'esta querida terra e pelas nossas prosperidades.

CAMARA LIMA.



Ramalho Ortigão

Rei Dom Carlos, o Martyrisado

O Rei — Política portugueza durante o seu reinado — Deterioração do systema parlamentar — Contaminação social — A corrente das idéas — A dictadura — João Franco e Turgot — Luiz XVI e o Rei Dom Carlos — O homem — Seu logar na sciencia e na arte portugueza — Seu caracter — Seu talento — Sua convicção — Seu fim

«Tenho grandes imperfeições como homem e como rei. Os meus defeitos procedem de duas causas: primeira, a hereditariedade na gestação do meu ser; segunda, a influencia do meio em que nasci e me criei. Considero como primeiro dos meus deveres de pae eliminar ou, quando menos, restringir, por meio da educação mais attenta e esculpida, no temperamento, no caracter e na intelligencia dos meus filhos, a intervenção dos elementos que actuaram na minha tão imperfeita compleição.»

Estas austeras palavras, que poderiam ser lemma de todos os que teem a missão de crear homens e de educar nações, são do rei D. Carlos, por elle dirigidas a Mousinho de Albuquerque no dia em que, na cidadella de Cascaes, o nomeou aio do Principe que hoje repousa com elle na immobillidade eterna.



Mousinho d'Albuquerque

Mousinho preparava a esse tempo a historia que projectava escrever de seu glorioso avô. Eu fornecera-lhe da Bibliotheca Real da Ajuda e da minha exigua colleção particular varias obras que, depois da morte d'elle, pela sua viuva me foram restituídas. Repetidas communicações de estudo sobre a historia do nosso tempo haviam estabelecido entre nós intimas relações de espirito que me auctorisam a afirmar que são absolutamente veridicas, se porventura não são textualmente authenticas, as palavras que reproduzo como thema da biographia do finado rei, por elle mesmo delineada em dois traços: influencias herdadas, influencias adquiridas. Taes serão os dois capitulos que a historia terá de preencher antes de evocar a revelada figura d'aquelle que, victima do inflexivel dever, morto no seu posto de honra, hoje entra na posteridade pelo portico do martyrio.

E muito avançada a minha idade, e são muito recentes os factos sobre que terá de elaborar-se a historia do reinado findo, para que jámais possa eu fazel-a documentalmente.

Ai dos velhos que, violando as leis providenciaes que regulam o equilibrio e a evolução do sentimento humano, se arrojam a tomar parte no conflicto das opiniões militantes! A missão dos da minha idade é guardar a torre eburnea, onde das pelepas e dos naufragios da vida se recolhem os dispersos elementos de serenidade, de poesia e de belleza, que são o patrimonio ideal do homem e a dignificação da vida.

Oíço, porém, e leio nas gazetas que, a seguir ao acto canibalesco de serem espingardeados como feras á esquina de uma rua de Lis-

boa o Rei D. Carlos I e o rei (por alguns momentos) seu filho D. Luiz II, se acha regulado, por accordo commun das opiniões, um salutar regimen de «acalmção geral». Creio — se ainda bem comprehendendo a lingua dos periodicos — que sinceramente se trata de rejeitar todos os odios e de acolher todas as sympathias. Esta consi-



Principe Real D. Luiz Filipe

deração me anima, sem receio de melindrar os que me são indifferentes, a consagrar estas linhas unicamente áquelles que estimo. «On ne doit écrire que de ce qu'on aime», diz um dos mestres do meu espirito.

Era, até ha cerca de dois annos, voz corrente, expressão, ao que parece, de um convencimento geral, que a politica portugueza desgarrara do seu rumo.

O accordo de dois partidos, reveando-se successivamente no poder, dizendo-se um liberal e outro conservador, segundo o regimen inglez, fallara inteiramente na sua reiterada applicação pratica.

O jogo permanente d'essa rotatividade representativa, com vinte annos de funcionamento automatico, desgastara todas as engrenagens, boleára todos os angulos, poira todas as arestas, safára todos os cunhos que caracterisavam o systema. Quem eram os liberaes que pela contribuição de novas idéas se propunham accelerar a energia propulsora do parlamentarismo, no sentido do mais rapido progresso? Quem eram os conservadores incumbidos de coordenar a marcha e de manobrar os travões do machinismo? ... Ninguém o saberia dizer, porque nenhum dos dois partidos a si mesmo se distinguia do outro, a não ser pelo nome do respectivo chefe, politicamente diferenciado, quando muito, pela emphase pessoal de mandar para a mesa o orçamento ou de pedir o copo d'agua aos continuos.

Um facto summamente grave preoccupava no entanto a attenção dos que isoladamente contemplavam a integral concatenação dos acontecimentos. Esse facto era a decomposição da sociedade, lentamente, surdamente, progressivamente contaminada pela mansa e sinuosa corrupção politica. Quantos symptomas inquietantes! a indisciplina geral, o progressivo rebaixamento dos caracteres, a desqualificação do merito, o descomedimento das ambições, o espirito de insubordinação, a decadencia mental da imprensa, a pusillanidade da opinião, o rareamento dos homens modelares, o abastardamento das letras, a anarchia da arte, o desgosto do trabalho, a irreligião, e, finalmente, a pavorosa inconsciencia do povo.

Contra esta ordem de coisas, a que se chamou o «progresso da decadencia» era unanime a opinião do publico, incluindo a dos mais intimos amigos do rei, que o accusavam de indolentemente se abandonar ao «não-me-importismo» constitucional, dando-lhe como exemplo e estimulo a voluntariosa intervenção nos negocios publicos de

seu prestigioso tio D. Pedro V. A theoria do «engrandecimento do poder real», enunciada por alguns intellectuaes do grupo a que pertencia Oliveira Martins, o que era, no intimo da sua palpavel inconstitucionalidade, senão um desenvolvimento da convicção de todos os espiritos independentes ácerca da esteril e perigosa passividade do poder moderador? O erro da neutralidade monarchica perante o escandalo da administração publica corrigia-se coherentemente com



D. Pedro V



Oliveira Martins

rectificação atrevida de uma formula consagrada: «O rei reina e tem obrigação de governar.»

Cumpre consignar ainda, em complemento da historia, dos últi-

mos vinte annos, a que tão resumidamente me refiro, que nunca o supremo e dominante facho da sciencia se ergueu tão alto e alumiou tão longe.

A synthese sociologica acompanhara em sua luminosa orbita a ascensão maravilhosa da synthese organica.

A critica historica exercera-se particularmente na correção de numerosas theorizações deduzidas de uma errada observação de phenomenos. Assim, por exemplo, o da Revolução Franceza, de que nitidamente se separou a parte declamativa, a parte lendaria e a parte philosophica.

A Revolução foi a ablação formidável da gangrena que devorava o velho mundo; mas não passou de uma tentativa malograda como reconstituição social do mundo moderno.

A declaração dos direitos do homem, uma utopia. A liberdade como alicerçe fundamental de qualquer especie de governo, um equivoco grosseiro e funesto. Só o principio da auctoridade technica, culta, esclarecida e honesta, prevalece e dirige. Os povos modernos não se governam por anachronicas instituições e por inoportunos codigos. Não se contentam com palavras. Governam-se por interesses. Integrar os interesses economicos com os interesses moraes e com os interesses estheticos, e pôr, quanto possível, de accordo o interesse de cada um com o interesse de todos, eis a missão da politica.

Estudou-se clinicamente a psychologia dos parlamentos, e Nordau demonstrou com exactidão algebrica que o resultado de votos nunca pode representar senão uma opinião de mediocres. O suffragio é a indirecta exclusão da superioridade. Por isso, a tendencia da sociologia moderna é para combater a tyrannia dos parlamentos, estabelecendo tribunales supremos encarregados de manter a lei fundamental, alargando os regimens provinciaes e conferindo aos municipios a faculdade do referendum.

Fez ainda o processo historico das dictaduras, resultando que as ha de varias especies. Ha dictaduras funestas como a de Robespierre. Ha dictaduras «reparadoras» como a de Turgot. Ha dictaduras «fataes» como a que Rousseau no «Contracto Social» prevê como desenlace impreterivel de toda a democracia absoluta. A dictadura tanto pôde, pois, ser um mal, como ser um bem, segundo as circumstancias que a determinam e as condições em que ella se exerce.



Robespierre

Devo dizer ainda que, durante o periodo historico a que me estou referindo, se fundou nas mais

poderosas nações da Europa, na Inglaterra e na Allemanha, a nova doutrina politica do «Imperialismo», um de cujos traços mais característicos é subordinar a interferencia directa da opinião publica a fiscalisação das assembleas representativas.

Tal é — creio eu — sobre a base dos factos, a perspectiva de idéas em que se produz o ultimo ministerio do Rei D. Carlos e se destaca a figura do dictador João Franco.



João Franco

É um selvagem desageitado para as cortesias palacianas, sem brilho pessoal que desperte emulações ou invejas. Não quer nada para si. É um trabalhador terrível. O rei aperta-lhe a mão. Adopta incondicionalmente o seu plano de governo. Promette-lhe ter coragem. Ambos se enternecem. Quanto á sua politica, propriamente dita, quem a saberá? Quem ousará



Rousseau



Turgot

Os que acabam de ler as precedentes linhas me farão talvez a imerecida honra de supôr que n'ellas se contem feição por feição, delineado por mim, o retrato de João Franco. Não. As linhas em italico que intercalo na minha narrativa, são meramente, palavra a palavra, o retrato de Turgot, traçado por Michelet. («Histoire de France — Tome xvii. — Louis XV et Louis XVI. — Chapitre xiii. — Ministre Turgot»). Para rectificação de qualquer equivoco dou em nota as palavras de Michelet na mesma lingua em que elle as escreveu.

Quem foi Turgot, o original d'esse retrato devido áquelle dos historiadores francezes que mais fervorosamente amou o povo, e com mais apaixonada e epica eloquencia defendeu as liberdades da sua patria?

Turgot, um dos santos do calendario dos positivistas, cuja commemoração elles celebram, juntamente com a de Campomanes, no dia 20 do mez de dezembro de cada anno, foi como ministro de Luiz XVI um dos maiores bemfeitores da humanidade e dos melhores amigos da França. A historia politica do mundo inclina-se reverentemente perante a sua immaculada memoria, e o mesmo Michelet, n'um bello gesto de piedosa genuflexão, inicia o capitulo que na sua obra lhe consagra por estas commovidas palavras: «Une voix intérieure m'avertit et me dit: qui est digne aujourd'hui de parler de Turgot?»

Se a obra do seu ministerio, extra-parlamentar e despotico, se houvesse consummado, se não houvesse trepidado e succumbido a coragem que Luiz XVI lhe promettera ter, o eixo da historia moderna se haveria necessariamente deslocado, e á humanidade se pouparia talvez o sangue derramado nos patibulos da Revolução.

Turgot não passou pelo martyrio infligido a João Franco. Cahiui menos tragicamente que elle. O Rei D. Carlos não era o tibio e pusilanime Luiz XVI. E toda a sua definitiva gloria reside n'essa differença entre o rei de França e o rei portuguez. No meio da hostilidade geral Luiz XVI, apavorado e lacrimoso, abraçado ao seu primeiro ministro, perguntava: «Não haverá com effeito nada de que nos acusem e por que nos condemnem?» D. Carlos não precisa de que o amparem e lhe acalentem o brio. Este homem raro, verdadeiro temperamento de heroe, que em qualquer disposição de espirito ou de corpo, sem a mais leve trepidação de nervos, enfiava á pistola successivas balas por buracos de fechaduras, era, assim como refractario á fadiga, inacessivel ao susto. Perfeito cavalleiro á Bayard, sem medo e sem mancha, firme na consciencia do dever cumprido, e fiel á palavra dada, profundamente convicto de que mais uma vez servia o bem da sua patria mantendo inexoravelmente no poder o ultimo ministerio do seu reinado, elle transpõe o Rubicão, intemerato e sorridente. E, de certo, nunca bocca mais pura e mais firme repetiu a heroica palavra de Cesar: «Alea jacta est.»

Luiz XVI fizera a Turgot no principio do seu governo a solemne promessa de nunca mais requerer do erario adeantamentos de dinheiro. Apesar d'esse compromisso um dia do mez de



Michelet



Luiz XVI

maio de 1776, uma pessoa da corte apresenta-se no Thesouro com um vale do rei, na importância de meio milhão. Turgot, não querendo pagar, vai ter com o soberano, que lhe diz vexado: — «Arrancaram a minha assignatura. Não pude negar-me». — E agora? pergunta Turgot — «Não pague», resolve o rei. Turgot não pagou. Três dias depois achava-se destituido.

Porque morreu na guilhotina Luiz XVI? Temeraria pergunta, porque não é lícito a ninguém afirmar seguramente o que succederia no futuro, uma vez alterados os factores que o determinaram no passado. A historia, porém, mostrando-nos que o governo de Turgot poderia ter evitado a revolução franceza, permite-nos com alguma plausibilidade dizer: Luiz XVI morreu porque demittiu Turgot, entregando assim a corôa á camarilha, que por seu turno a entregou ao Terror. Contradição flagrante na logica das cousas: em circumstancias analogas, Luiz XVI morre por ter tido a fraqueza de demittir Turgot; D. Carlos morre por ter cumprido o arriscado mas patriótico dever de não demittir João Franco.

Disse que «por mais uma vez», arriscando a vida, o rei D. Carlos



El-Rei D. Carlos

julgou servir a sua patria, porque de outros precedentes serviços a patria lhe devia reconhecimento e gratidão.

Foi elle que, em successivas viagens a nações estrangeiras, pela variedade dos seus conhecimentos e das suas idéas gernas, pela sua facilidade em falar as linguas, pelo envolvente encanto do seu trato, pela sua bondade illimitada, e pela despresumida e primorosa elegancia das suas maneiras, em contacto não só com chefes de Estado, com Soberanos e com Principes, mas com sabios e artistas, estabeleceu entre o espirito portuguez e o espirito europeu um conhecimento reciproco, uma affectuosidade carinhosa, uma «entente cordiale» emfim, que nunca outr'ora se deu. N'este ponto de vista, a sua projectada viagem ao Brasil seria o mais bello coroaamento da sua obra de internacionalidade, de sympathia e de paz. Nenhuma duvida de que o seu exemplo seria seguido por outros chefes de Estado, e esta seria a mais doce maneira de modificar a formula um tanto restricta e antiquada de Monroe — a America aos americanos, antepondo-lhe o aphorismo mais lato, mais sociavel e mais fraternal — «O mundo aos homens».

E' inteiramente incontestavel que a nossa politica externa, na qual a sua influencia pessoal actuou mais directa e desafogadamente do que na politica interna, foi durante o seu reinado habilissimamente conduzida, fazendo subida honra á diplomacia portugueza em todas as chancellarias da Europa e da America. Confirmação posthuma: Morre em Lisboa o chefe de um dos Estados mais pobres e mais humides, ainda ha pouco manifestamente desdenhado da amizade de todas as potencias, e em torno d'este atauda reune-se o mais numeroso concurso de principes e de embaixadores que tem visto o mundo. A que se deve o incomparavel tributo de uma tal homenagem senão ao incomparavel prestigio do que morreu?

Foi elle de todos os poderes do Estado o que mais se interessou pela cultura e pelos progressos da sciencia moderna, não só favorecendo pela sua sympathia e dedicação os altos estudos experimentaes, mas collaborando pessoalmente n'elles com aturada diligencia e exemplar ardor. A especialização scientifica é um dos seus titulos á consideração do futuro. A sua obra de naturalista, comprehendendo as preciosas colleções zoologicas e deapparelhos de pesca expostas ao publico em Portugal e no estrangeiro, bem como os seus livros «Investigações» scientificas a bordo do yacht *Amelia*, faz subida honra ao seu methodo scientifico e á gravidade dos seus estudos. Os inventarios das suas explorações oceanographicas, das suas pescas e das suas sondagens nos mares de Portugal, cujas profundidades determinou e descreveu, comprehendem numerosas especies, umas rarissimas e outras inteiramente novas na nossa fauna abissal, de capital interesse para a historia da vida na profundidade das aguas. E' certamente de consideravel brilho para a mentalidade de um Rei a honra de concorrer com tão valiosa contribuição para a obra collectiva de companheiros que se chamam Humboldt, Darwin, Jussieu, Agassiz, Geoffroy Saint-Hilaire. Das «Investigações scientificas por Carlos de Bragança», a Academia Real das Sciencias ainda ha pou-

cos dias recebia notificação de haver ficado completo, e inteiramente escripto do punho de El-Rei, o terceiro e ultimo volume da serie.

Ociosos accrescentar que foi elle ainda quem deu ás sciencias e ás instituições militares os principaes impulsos que fizeram do exercito portuguez o brilhante exemplar de disciplina, de pericia e de intrepidez, que em mais de um lance da nossa historia contemporanea, tem admirado o mundo.

Da sua influencia pessoal provém ainda o revivido culto da bandeira, a estima da marcialidade, o amor e a honra da farda, virtudes militares que antes do seu reinado se tinham consideravelmente abastardado.

Ninguém mais escrupulosamente do que elle, soube evitar um dos escolhos da realza: o abuso da sumptuosidade dispendiosa. Nunca foi dissipador, nem perdulário, nem libertino. Afortunadamente ca-



El-Rei D. Manuel II
e sua Augusta Mãe a Rainha Senhora D. Amelia

sado por amor com uma senhora exemplar, em quem a virtude é um nunca desmentido attributo de familia e de raça, a sua casa foi sempre um inextinguível modelo de ordem, mantida pelos mais rigorosos regulamentos, definindo todas as attribuições e todas as responsabilidades perante os mais minuciosos inventarios. Era a revivescencia contemporanea da administração famosa da antiga casa de Bragança, da qual D. Antonio Caetano de Sousa tão curiosas regras de economia domestica colligiu e publicou nas «Provas» da sua «Historia Genealogica».

Com o producto do ultimo corte de cortiça nas suas herdades do Alemtejo, D. Carlos pagára, bem recentemente ainda, os ultimos encargos da casa ducal, que herdara empenhadissima, e lega inteiramente desalfrentada aos seus successores.

A educação de seus filhos, da qual tão grande e brilhante parte cabe á Rainha, é claro testemunho da mais alta perfeição que pode atingir a puericultura e a pedagogia na criação de dois homens. A escolha das suas aias, do seu insigne preceptor Kersch e dos seus mestres, recahiu na flôr da competencia. Nos exames periodicos das disciplinas que estudavam e a que os dois principes annualmente satisfaziam em patriarchaes solemnidades de familia, o que escreve estas linhas teve como honra inherente ao cargo litterario que exercia, occasião de admirar a poderosa seiva de conhecimentos que progressivamente desenvolviam a capacidade mental d'esses dois espiritos. Na que tinha de ser a ultima d'essas provas ouvi larga mente discorrer aquelle que o destino tão sacrilegamente roubou á gloria do seu reino e á mocidade do seu tempo, aquelle que sua mãe com tão justificado orgulho podia, como obra prima da sua esclarecida ternura, dar por exemplo a todas as mães portuguezas.

O ponto proposto eram «os grandes effeitos de pequenas causas na historia da civilização». Esse moço, a quem mal pungia a barba, alentadamente constituído, posto que ainda rosado e louro como um menino, falando correntemente quatro ou cinco linguas, acabando de passar por brilhantes exames de physica e de mathematica, gravemente incluso, reflectido, concentrado, velando o olhar, como um marmore em que as pupillas parece verem unicamente para dentro, e de quando em quando comprimindo na mão a testa vincada, n'um gesto de contenção profunda, esclareceu pausadamente, prolongadamente, a sua these, com a mais variada profusão de idéas, de factos e de raciocínios. Erudição assombrosa na sua idade. Lembro-me de que elle principiou por estabelecer, com desenvolvimento de muitos dados technicos, a influencia do primitivo uso da roupa branca, ori-



D. Isabel de Saldanha
da Gama

Aia de Sua Alteza
o Principe Real
D. Luiz Philippe

Offerta do Brasil-Portugal



(De J. Wencker)

VINDE A MIM!

Typ. "A Editora."

gem de trapo, na fabricação do papel, na industria do livro, na irradiação do pensamento impresso. Terminou, ao findar o praso da sua prova, referindo-se á acção das enfermidades phisicas sobre a mentalidade humana, analysando, pormenorizadamente para esse effeito, a historia do pensamento monarchico de Luiz XIV — antes e depois da fistula. Reliro-me a este pormenor porque elle claramente revela que da educação dos novos principes portuguezes absolutamente se banira a clausula «Ad usum Delphini.»

No seculo de Luiz o Grande, Bossuet recuava oratoriamente perante a trivialidade da expressão «caldo de gallinha». Numa corte do seculo XX, louvores a Deus, o proprio Delphin, com a mesma simples indifferença com que discutiria um assumpto de cortezia ou de protocolo, não hesita em enumerar e discutir como factor historico a mais secreta affecção morbida do Rei Sol. E é sob este rigoroso criterio de completo exame e de inteira critica que se ensinam estudantes e se educam homens.

Havia na personalidade do Rei D. Carlos um fundo singular de acanhamento organico, que elle publicamente encobria sob a máscara de uma altivez postiza. Na convivencia intima elle era mais do que affavel, era terno, e a sua bondade chegava a ser humilde. Todos os seus creados o attestam: elle era o amo «que nunca ralhou».

Idealmente refugiado no culto da pintura, em que foi exímio, atingiu uma das mais altas eminencias a que pode ascender o espirito: foi consagrado «artista». O que distingue o artista dos outros homens não é, em rigor, o modo como executa um dado trabalho tecnico, mas sim o modo como demonstra pensar e sentir. Artista é aquelle que, ou por um maravilhoso instincto nativo que se chama o genio, ou por uma intensa, humilde e profunda contemplação da natureza eterna, consegue reduzir o vago e poetico sentimento da beleza a uma noção synthetica, dominativa e irrevogavel. Artista é aquelle que, pela exteriorisação concreta do seu sentimento individual, verdadeiramente reina sobre o sentimento informe, abstracto e disperso da multidão, guiando-a e conduzindo-a pela concordia esthetica á sympathia universal.

Nunca as pompas da realza e os cerimoniaes da corte captaram a predilecção dos seus gostos simples. A sua casa do Vidigal, que elle mesmo edificou e em cujo retiro rural tanto se comprazia, em nada se differença da de qualquer mediano lavrador alemtejo. Ahi frugalmente se alimentava da rude cosinha local, e habitualmente vestia, como os seus abegões, a jaqueta de burel e os ceifões de pelle de borrego, podendo dizer na lingua chã, predilecta do fundador da sua dynastia: — «A mim todo o alimento me sustenta, todo o panno me cobre, toda a roupa me serve.»

Muitas outras affinidades de temperamento e de espirito o assemelhavam em bonhomia áquelle dos Braganças que a João Pinto Ribeiro, annunciando-lhe em Villa Viçosa que em poucos dias seria rei e procurando como vassallo beijar-lhe a mão, respondia: — «Não, João Pinto, por enquanto não... Não comprems a couve enquanto não tivermos a carne para a panela».

Não quiz, de resto, D. Carlos I, como D. João IV, ser, no ultimo periodo do seu reinado, o «procurador dos desperdícios do reino, o mais zeloso homem do bem publico»?

E' certo que n'um momento tragico, pismo e horror do mundo, todo o seu programma sossobrou inundado no seu proprio sangue. Mas para o valor de sentimentos e para o valor de idéas que importancia tem o exito!... Quantas e quantas vezes, através das immanentes justizas da Historia não tem sido a derrota dos vencidos a condemnação dos vencedores! Cumpre saber esperar. O Evangelho o ensina: «A arvore não dá flor enquanto a semente não tenha apodrecido no seio da terra.»



D. João IV

... C'était un sauvage, un homme gauche, impropre à la cour, qui ne pouvait porter ombrage, un travailleur terrible, mais ne vivant à rien. — Le jeune roi lui pressa les mains, lui dit qu'il entrerait dans ses vœux, promit qu'il aurait du courage. Tous deux furent très émus. — Quant à sa politique proprement dite qui la sait? Qui osera dire ce qu'il eut fait, s'il eut duré? Son ministère de dix-huit mois ne fut évidemment qu'une préface. — Il avait, dit Monthéon, une con-

fiance excessive, présomptueuse dans la sagesse populaire. — Le caractère unique de ce grand stoicien — absolu de vertu, de force et de lumière — n'offre qu'un seul défaut: une ardeur sans mesure qu'on trouvait sauvage. — En dix-huit mois il fit l'œuvre des siècles. — Malesherbes son collègue étonné: «Vous vous imaginez disait-il, avoir l'amour du bien public. Vous en avez la rage. Il faut être enragé pour forcer à la fois la main au Roi, à Maurepas, à la cour et au parlement. Turgot répondait gravement: «Je vivrai peu». — C'était un roi ou à peu près. — Quelqu'un a très bien dit que depuis Richelieu, notre gouvernement était celui des trente tyrans.

Turgot le fut dans un sens admirable. Son labeur, sa rigidité s'imposèrent tellement qu'il obtint carte blanche et fit ce qu'il voulait. — Turgot en trois années voulut faire sa révolution. Tout cela trop hâté? Oui, mais il le fallait. Il sentait sous les pieds les rats qui lui creusaient le sol pour le faire bientôt enfoncer. — Le parlement rentra hautain, hargneux et résistant aux réformes les plus utiles. Première défaite de Turgot. L'hiver se fit la ligue générale de ses ennemis. — Il avait commencé par frapper la finance, ne voulant plus d'avances et d'anticipations. — Enfin l'affreux tyran avait posé qu'à l'avenir, la cour, les seigneurs, les grandes dames ne seraient plus croupières (pensionnaires) des fermiers généraux. Il avait fait une écharge sur la maison du roi. Les cris furent si perçants qu'on resta à moitié chemin.

La capitation des princes, ducs, etc., pour la première fois fut levée, leurs carrosses visités, comme tous, par l'octroi. — En guérissant les plaies il les avait montrées. — Contre un pareil ministre la route était toute tracée. 1.º rappel du parlement, 2.º attaque violente sur le point où Turgot était plus vulnérable. — On travaillait le roi de très près. — Necker, adversaire de Turgot, fit paraître un livre ridicule à l'usage des âmes sensibles. — Des agents ameuterent des masses crédules. — Il restait de faire pendre Turgot. — Celui-ci avait contre lui tout le monde, le roi même, qui avait les larmes aux yeux. — On vit alors la force de la foi. On vit ce que pouvait la colère d'un homme de bien. Il accourut à Versailles, change tout, se fait autoriser à donner des ordres à la troupe. Donc le cercle se ferme autour de lui. Tous sont taureadors, et il est le taureau. Rien de plus grand que ce spectacle. — On sent à l'attitude de Miromesnil qu'il a un monde derrière lui. Turgot tout au contraire est seul. — Le roi apparemment doit être bien joyeux? Au contraire, de plus en plus sombre. Il avait dit à son événement: «Je voudrais être aimé!» Et il ne voit que mécontents. «M. Turgot, dit-il, ne se fait aimer de personne». Ce ministère tout entier déplaît. — Contraste curieux. L'étranger admirait. En France tout paraissait hostile. — Marie Thérèse elle-même est frappée de la grandeur des résultats. La Hollande rend à Turgot un hommage significatif. Elle montre sa confiance, offre ses capitaux. Ce sage peuple, voyant en dix-huit mois l'ordre merveilleusement revenu, sent bien que pour la première fois, c'est un homme qui conduit la France.



Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Arcebispo d'Evora

Senhor D. Augusto Eduardo Nunes

no seu anniversario natalicio, homenagem d'um admirador

Soneto

«Onde Estaes, ó meu Deus, agora — em tal momento?»
clamei... e esta alma, afflicta, ascende além do ethéreo!...
Tremo d'assombro, ao ver (E é só n'este hemispherio
patente a nosso olhar) dos astros o portento...

Translato — rotatorio — inflindo ... o Movimento
da Terra no infinito!... E lá, p'lo espaço aereo,
volve o Sol ...! E outros soes...! E o turbilhão sidereo...!
Do Eterno é a morada em ti, ó firmamento.

Excede a realidade ao son! o, á fantasia! ...
prostrando-me, no templo, em santa adoração,
tal-qual no céo, Vos vi, meu Deus, na Eucharistia.

Da fé — luz de meu ser — valeu-me a inspiração...
a pura Hostia recebo... exulto, d'alegria...
Habita em mim Deus Mesmo!! é céo meu coração.

Em 31 de Março.

A. A. d'Andrade e Almeida.

RAMALHO ORTIGÃO.

NOTA

Palavras de Michelet

... C'était un sauvage, un homme gauche, impropre à la cour, qui ne pouvait porter ombrage, un travailleur terrible, mais ne vivant à rien. — Le jeune roi lui pressa les mains, lui dit qu'il entrerait dans ses vœux, promit qu'il aurait du courage. Tous deux furent très émus. — Quant à sa politique proprement dite qui la sait? Qui osera dire ce qu'il eut fait, s'il eut duré? Son ministère de dix-huit mois ne fut évidemment qu'une préface. — Il avait, dit Monthéon, une con-

O que é este numero

Variada, como foi, de acontecimentos de diversa natureza a quinzena decorrida, havia forçosamente de reflecti-la na diversidade extranha dos seus assumptos o *Brasil-Portugal*.

Assim parecerá a muitos este numero um amalagama confuso, e não deixará de haver censores e criticos que assestem para elle a

trando-o, acompanhando-o de todas as figuras que elle evoca, de todas as personalidades que elle cita. Releve-nos o velho prosador, mestre de todos os novos, a liberdade que, sem o consultar nos permissimos, e leve-a á conta do muito que nos rejubila e orgulha o podermos mais uma vez firmar o seu nome illustre nas paginas do *Brasil-Portugal*, que tantas vezes elle já honrou com a sua collaboração effectiva.

Foi uma quinzena tragica, quem o duvida? aquella que expirou hontem. Correu sangue em jorros, ficaram manchadas de sangue as ruas e as praças de Lisboa. Em nome da Ordem cavou-se o luto, em

Os cumprimentos a S. M. El-Rei



A magistratura judicial no Paço para apresentação das suas condolencias pelos tragicos successos de 1 de fevereiro

luneta da ironia e disparem algumas flechasinhas de desdem sobre a sua organização tan o litteraria como artistica.

Façam-no, mas podem crer que são myopes ou injus'tos. E' que os dias passados tiveram de tudo um pouco, e uma illustração que se prese de ser actual será deficiente e faltará ao seu programma se não fór o espelho vivo da hora que passa.

Assim, encontrarão os leitores do *Brasil-Portugal* por estas paginas, chocando-se, acotovellando-se, atropellando-se, acontecimentos que entre si parecem heterogeneos, casos que não ligam, assumptos que nada jogam uns com os outros.

Ao lado das gravuras que reproduzem scenas e aspectos do carnaval no Rio de Janeiro, acompanhadas da minuciosa descripção de um dos nossos directores que lá os presenciou, outras ha com interesse bem diverso, que são a transplantação para as nossas columnas de quadros religiosos firmados por auctores de nome, e que no tempo santo que vae correndo tanto evocam através da pura arte as épocas distantes da crença e da fé, que eram a musa inspirativa dos pintores, dos esculptores, de todos os artistas de genio.

Honra simultaneamente algumas d'estas paginas a prosa castiça, cheia, scintillante, e n'este momento mais que nunca honrada e nobre de Ramalho Ortigão. Em dois paizes que o Atlantico separa mas que o sangue e o affecto approximam é ella bem conhecida já, por que a imprensa de ambos a teem largamente vulgarizado.

Comtudo, não é de mais o reproduzi-la uma vez ainda, não porque isso represente absoluta communhão de idéas ou solidariedade em muitos pontos de vista, mas porque estamos n'um tempo de hesitações taes, de medos tão covardes, de tão perigosas perplexidades, que chega a ser um dever levantar bem alto deante dos outros, deante de todos, aquelle que se afirma pela fortaleza de animo, pela rigidez dos princípios, pela inteireza da opinião, e pela doirada e sempre fecunda mocidade do espirito.

Todas estas virtudes, todos estes encantos, ressaltam do masculino artigo de Ramalho, que tivemos a peito actualisar mais ainda, illus-

nome da Lei espalhou-se a desolação. Dir-se-ia que o parlamento que sahia da urna em 5 de abril, depois de tantas luctas e de tantas refregas, não podia deixar de ser recebido com um baptismo de sangue. E' certo, comtudo, que Deus escreve muitas vezes direito por linhas tortas, e oxalá d'esta vez o proloquio não fallie. Do aspecto do Rocio no dia seguinte, no dia talvez sem precedentes na historia contemporanea, em que a cidade esteve na posse da canalha, ver-se-hão algumas gravuras evocativas das scenas selvagens que se deram.



Um grupo de professores sahindo do Paço



Grupo de operarias dos tabacos que foram ao Paço pedir a protecção de El-Rei

E, como contraste frisante d'estes acontecimentos, outras apparecem proximas d'estas, que reproduzem essas romarias de classes que todos os dias se dirigem ao Paço para manifestarem ao chefe do Estado ou a inquebrantável lealdade ao throno oito vezes secular, ou a crença firme n'um futuro melhor, ou o respeito pela sua desventura e a confiança na sua mocidade. São os mais altos magistrados do reino, são os professores das Escolas superiores que vão dizer ao juvenil soberano palavras que são um incentivo e um apoio, palavras consoladoras, e que outras vão ouvir d'elle, que fortalecem esperanças, reforçam convicções e significam reconhecimento. E ao lado d'estas gravuras outra que representa algumas pobres mulheres, as operarias dos tabacos, que vão pedir a protecção do chefe do Estado, e que saem de lá com as lagrimas nos olhos, porque esse moço tão esvelto e tão triste, que tem a amargura a sulcar-lhe as faces e a bondade a ler-se-lhe nos olhos, lhes disse, ás pobres mulheres, palavras que as consolaram, e acabou por lhes pedir que o procurassem sempre que pudessem ser útil áquelles que trabalham.

E, em summa, para mais frisante ser ainda o contraste entre as coisas da quinzena, aqui hão de ver também, representado pela photographura esse galhardo e formoso grupo que tomou parte n'uma das mais bellas festas de sport que em Lisboa se tem realisado: aquella a que assistiu toda a Lisboa elegante, ha poucos dias, no picadeiro Gagliardi.

O exímio professor de equitação teve n'essa tarde a consagração plena do seu valor.

Eis, pois, em rapido resumo, o que é o numero 222 do Brasil-Portugal.

Como reconhecimento aos seus leitores, a Empreza do «Brasil-Portugal», em commemoração da Semana Santa, offerece dentro de cada exemplar a reproducção do bello, suggestivo e extraordinario quadro a oleo de Wencher: *Vinde a mim*.

Nos tempos do Passeio Publico

IV

Tempos do Passeio Publico, tempos que não mais voltam! Imagens, que ainda deslisam diante de meus olhos; sonhos, que de ha muito me prepassaram pela tela da imaginação; illusões de outras eras, para onde vos levou a voragem do tempo, que tudo destróe?

Sobre aquelle marco de marmore, que obscuro canteiro lavrou com amor, destinado a servir de pyra em noites de S. João, rapazes e raparigas em amavel convivio muitas alcachofras queimaram á luz do gaz, anciando pela bemdita hora da madrugada, em que as vissem rellorir, trazendo-lhes ao coração a tinta apagada da pobre flôr, clarões de fugitiva esperança, apagados e bem apagados para logo nas tenebrosas tempestades da vida.

Da multidão alegre e ruidosa, que em dias de enchente invadia o recinto, poucos já restam, e hoje cobertos pelo pó da estrada, tão mudados se acham, que nem a si se reconhecem. A herva, já ha muito que vai nascendo sobre a sepultura dos outros; ella também flori, mas este sorriso que a primavera lhe faz despontar, em vez de prenuncio de alegrias, como n'outros tempos o consideraram, não mais é do que o resultado de transformações realisadas no mysterioso laboratorio da planta pela seiva alimentada por lagrimas.

Era alli que ia passar as suas noites de verão o melhor da nossa sociedade e sem querermos maldizer por um momento sequer o progresso, que nos trouxe a Avenida da Liberdade, justo é o confessar que esta, moldada para outras necessidades e aspirações da vida moderna, não veio preencher a lacuna, que a suppressão do Passeio Publico bem consideravel deixou. Cavallos, carruagens, electricos, automoveis, ondas de povo ás vezes, não nos deixam transitar livremente, correndo-se sempre o risco de ficar atropelado fóra dos exiguos espaços deixados para os passeios de cada um dos talhões.

Espraia-se hoje a vista por uma extensão muito maior, ha a sensação de que Lisboa não acaba na Rua das Pretas, tornou-se o des-

Os tragicos successos do dia 5 no largo de S. Domingos



No largo de S. Domingos. — Um barrete phrygio, um punhal, cruces, etc., pintados na parede de um café por uma das victimas, segundo se affirma, com o proprio sangue



Os sucessos do dia 6

Aspecto do largo de S. Domingos policiado pelas forças de lanceiros

filas de um sem numero de carruagens em aprazível divertimento publico, que então não se conhecia; a perspectiva do comprido, quasi interminavel arruamento, é encantadora; mas, onde havemos de ir passar as noites, d'antes dedicadas áquelle canto da Baixa?

Tem o passeio da Estrella um cunho muitissimo differente e tal, que não se póde tornar em boas condições succedaneo do outro, apertado como se vê, entre o pesadissimo convento da Estrella, elevando-se a ponto de parecer que, não só o horizonte terrestre, mas até o céu, nos quer roubar; o hospital da Estrella soltando no vento, além da bandeira nacional a que pela convenção de Genebra lhe é dada, ostentando a cruz vermelha, e, finalmente, o cemiterio dos inglezes, o qual se não afigura visinho muito asado para local de divertimentos publicos. E' mais um jardim, do que um passeio; as suas ruas caprichosamente tratadas amoldando-se ás accidentações do sólo, convidam mais ao recolhimento, á meditação — para o que existem fortissimas suggestões por elle e pela visinhança produzidas — do que a espairecer o espirito, desannuviando-o dos cuidados quotidianos; quem quer passear a direito, andar distrahin-do-se, não pode; em curvas e contracurvas estamos sempre alli em dias de concorrência a esbarrar com o nosso proximo, de que nos desejavamos vêr bem livres. E' um passeio, recommendavel n'outras occasiões, para quem está triste, para quem se vê assaltado por um desgosto, ou pela melancolia, sobretudo para quem antes se deseja vêr só do que mal acompanhado.

E' além d'isso, excentrico, fica longe de quasi tudo; havendo grande enchente, nem electricos, nem o elevador da Estrella podem dar aviamento, transportando a multidão que em todas as paragens se apinha e acotovella; travam-se luctas homericas em cada assalto aos carros, todos querem, como de costume, ser os primeiros a entrar ou a sair; a gritaria chega a tornar-se ensurdecadora e, tanto durante o transporte, como lá, levamos os ossos n'um feixe. Aquillo é indizível, um inferno, só visto! A' volta, a espera forçada, mil tentativas frustradas para obter logar, o vento a perseguir, e, por fim, já tarde, muito tarde, lá se consegue resolver o difficil problema, regressando aos lares com uma noite quasi perdida sem gosto, sem quasi se saber em qué.

Para os desgraçados *pés de boi*, que levam mulheres, filhas, creanças, sóbe de ponto o martyrio. Na realidade é difficil o promover divertimentos para tanta gente!

Ainda assim, o passeio da Estrella, lá se vai aguentando com as suas festas, ostentando com uma certa parcimonia é verdade, os balões venezianos dependurados das arvores, e isto a meu vêr por tres razões differentes: o publico gosta de vêr o publico; não se arranjam para as meninas casadoiras mostruarias com a mesma facilidade, que constroem os negociantes da nossa praça para expôr os seus productos; por alli não andam electricos, automoveis, tudo o que nos póde mandar d'esta vida para outra, que tão cedo não queremos conhecer.

D'essas tres razões, muito para ponderar, é a segunda que irresistivelmente mais determina o indigena a perpetrar uma tal diversão, a qual, attento o fim, a que principalmente visa, já tem de longuissima data o bem conhecido

preceito biblico a recommenda-la, e, que não tivesse, o interesse proprio não tem menor força suggestiva. O ir fazer, ou promover idyllios para a Estrella, não parece, porém, de bom aviso.

Noivos que se idolatram, jurando mutuamente amor eterno, é claro, com olhos sempre promptos a vêr nas pequenas fontes, que brotam por entre a verdura, aguas crystallinas precipitando-se sobre bacias do mais puro marmore, ou alabastro; com ouvidos sempre promptos a attender e a admirar os gorgeios do rouxinol, que solta trinados occulto na ramaria das arvores, não podem pelo seu triste fado abstrahir de tudo o que não encanta, entregando-se completamente ao enlevo de alma que os arrebatava.

Com as notas do idyllio, que tanto lhes accendem o coração e a imaginação, veem intercedentes as do tragico e as do comico n'esses momentos rapidos, em que a variedade é detestada e só seduz a repetição indefinida das mesmas palavras, dos mesmos olhares. Assim, no meio de uma declaração de amor apaixonado, Romeu ao erguer os olhos para o céu, afim de o tomar por testemunha da sinceridade e da violencia da paixão abrazadora, depara com os cyprestes do cemiterio lateral, esguios, de rama sempre verdejante — *semper virens* — a falarem em linguagem de todos os povos entendida, na instabilidade das coisas humanas, no pó d'onde viemos e a que nos havemos de tornar, nos segredos que se patenteiam além da campa, na vida para a qual mais cedo, ou mais tarde, havemos de ir, cheia de sombras e de mysterios. Não é de molde para incendiar corações a perspectiva da barca de Charonte, nem qualquer cogitação philosophica sobre o ser ou não ser.

Basta uma ponta de cypreste para ensombrar quadro tão risonho, mas para que a tristeza por tal facto causada não se possa prolongar em demasia, vem o attrito inevitavel exercido pelo proximo sobre o proximo, nas suas imprudentes, ou atrevidas, aproximações, produzindo conflictos; outras vezes, os ridiculos, os dictos que se cruzam, as mil peripecias em que gente desastrada é fertil, o que faz quem se julga só e é disfrutado.

No antigo Passeio Publico, que á historia passou, succedia tambem um pouco de tudo isto, manda a imparcialidade que se diga, mas em muito menor escala. Era quasi que uma só rua sem recessos nem meandros, dominada pelos altos predios das ruas lateraes e até devassada d'estes por causa das grades.

Não ha sitio algum pisado pelo pé humano, onde cedendo á força do instincto não tenhamos visto pombos a arrulhar, mas eram os idyllios mais ou menos pautados, como se toda a gente se houvesse congregado para alli os ir vêr e admirar, não obstante o travesso do Cupido não dava mãos a medir e, afinal de contas, talvez houvesse mais liberdade lá do que hoje na Estrella por não ser necessaria tanta vigilancia.

La passando o periodo romantico, da *Judia*, da *Morgadinha*, das *Flores de alma*, o que não passava facilmente era a suggestão exercida sobre aquelles cerebros fracos, dominados por inclinações tão fortes!

J. F. Marrecas Ferreira.

As pessoas menos expostas á adulação são os surdos.



Os sucessos do dia 6. — Aspecto do Rocio

O carnaval no Rio de Janeiro

Rio 3 de março

De uma carta íntima de amigo nosso, actualmente no Rio de Janeiro, destacamos alguns trechos interessantes a propósito do ultimo carnaval n'aquella cidade:



O carnaval no Rio de Janeiro. — Patriótica Trindade
Allegoria do «Club dos Democraticos» a Ruy Barbosa,
Barão do Rio Branco e Oswaldo Cruz, director geral de hygiene

«Tres dias de folia, sem brutalidades, nem jorros de agua, nem projectis de amolgar arcaboços, e sem desordens. Apenas aqui e ali uma *churra* miuda de carrascão com alegrias e lança perfumes.

Como lá, passou de moda o tremoco duro, o ovo atirado á cara de um christão, o sacco de areia com farinha á mistura e a graça suja da seringa mal cheirosa. Um carnaval civilisado que soube respeitar os corpeles em abertos e as espaduas entrevistas das moças. Uns salpicos de extractos a desafiar gritinhos e arripos e nada mais.

Como lá, a policia cruzou os braços e deixou passar todas as ondas de troça e de prazer, em que se confundiam patrões e caixeiros, pessoas graves e esturdios, novos e velhos, primaveras de quinze annos, e primaveras... de mais idade.

O velho Entrudo, folião e estúpido, malcreado e pôrco, educou-se, aprendeu a ler, vestiu-se, e veio para as avenidas novas fazer madrigaes. Não calçou luvas cerimoniaes, mas soube ser *gentleman*, gastando em bisnagas modernas o que iria gastar em cervejas avariadas. Alguns terão ficado debaixo da meza do festim, mas isso tão alta noite que ninguem deu pelo turbilhão. A essa hora as virgens dormiriam em sonhos azues e não se aperceberiam dos olhos bacos dos namorados estroinas em despedida á liberdade de solteiros. Um véu sobre esses descuidos de terça feira gorda e não desfaçamos illusões...

O carnaval no Rio é um acontecimento desconhecido ali na nossa pacatez sorna de cidade com pretensões. Para o esboçar vagamente as 16 paginas do *Brasil-Portugal* mal chegariam, tal é quantidade de carros carnavalescos, de allegorias, de cavalgadas, de cortejos e de clubs, que na noite de terça feira gorda, cruzam pelas vastas avenidas, illuminadas e atulhadas de curiosos. Feerico o aspecto da grande arteria central que divide em duas a velha cidade carioca, hoje remocada!

Nessa noite os bairros afastados ficam desertos. Apenas em uma ou outra janella velhos tropeços de sentinella ás casas e de olhos tristes postos no tempo de carnavaes que não voltarão. Nove decimos da população descem para a cidade baixa atraídos pela folia e pelas descripções phantasticas dos cortejos que os clubs animam pelas folhas com detalhes de surpresas e de novidades ricas. E os balcões alugam-se por preços altos, nos *bonds* nem um lugar vago, os *tillburys* pela hora da morte, carros de praça e os automoveis tomados com antecedencia de um mez, e as ruas prendendo-nos os movimentos em apertos de suffocar.

Uma festa rija, que paralysa todos os negocios, abre um parenthesis a tristuras e faz esquecer todas as crises commerciaes. Momo readquire os seus direitos, e, como um vinho capitoso, esquenta os cerebros das mais pacatas firmas da praça (sem carapuça).

Os prestitos são a *great attraction* da ultima noite. Sumptuosidade, riqueza, luxo, arte, bom gosto, concepções estupendas, graça, espirito — em tudo isto cogitam as dezenas de clubs carnavalescos, desde o primeiro dia de quaresma até ao carnaval seguinte, em segredo, executando surpresas e effeitos de mechanica, consultando artistas, desencantando desenhadores e engenheiros, forjando sce-



O carnaval no Rio de Janeiro. — Homenagem á imprensa. — Carro do «Club dos Democraticos»
(Cliché de Malta de Campos).

narios espantosos, occupando alfaiates e costureiras, copiando figurinos das velhas edades, apalavrando mulheres formosas para ornatos de carroças colossaes, ajazando cavallos, vestindo figurantes e... gastando rios de dinheiro — a mola real d'estes caprichos de algumas horas.

De entre os clubs que tanta vida conseguem dar à cidade destacam-se os *Democraticos*, os *Fenianos* e os *Tenentes do Diabo*.

Prestitos com trinta e mais carros, alguns dos carros com movimentos varios, *landaus*, caravanas, cavalleiros, pagens, arautos, homens de armas, escudeiros, guerreiros gregos e romanos, — uma tremenda confusão de allegorias, de criticas, de troças, de graciosidades, de homenagens, de gargalhadas, de descantes, de musicas e de applausos do publico apinhado e aquecido ao rubro.

Tenho ainda nos typanos esse *brouhâhâ* que acompanhou o estertor do carnaval ultimo, e na retina o conjunto da Avenida Central apanhado das altas centenas dos Castellões n'essa noite de sonho. Como amostra muito apagada d'esses cortejos baralhados na

Do Paiz do Rio de Janeiro recortamos o seguinte trecho que bem friza o contraste entre a velha rua do Ouvidor e a nova Avenida Central, que, em nosso entender, não fará nunca esquecer as velhas tradições da estreita arteria da antiga cidade:

Mocidade e velhice

— Sae, farrapona. Vê se me sujas o manto de seda?

A outra sorriu tristemente. Brilhou-lhe uma pequena lagrima no canto do olho e o peito lhe arfou á disfarçada fuga de um soluço indiscreto.

Deante d'ella, em pleno viço da mocidade, opulenta de graça e de belleza, permanecia, de pé, em todo o esplendor do seu fausto grandioso, a ditosa rival, que poucos annos antes surgia para lhe despertar as glorias de dominadora.



O carnaval no Rio de Janeiro. — O carro principal do «Club dos Democraticos» conduzindo o estandarte do mesmo club (Cliché de Malta de Campos).

multidão, vão aspectos collidos, a relampago de magnésio, pela objectiva do sr. Malta de Campos, photographo amator.

Pouco dizem esses aspectos. Mas lavo as mãos como Pilatos, e como Pilatos lavará as mãos ao dono da objectiva impotente que não soube reproduzir a frescura appetitosa das mulheres ornamentaes, o movimento dos carros, as côres, as luzes, a riqueza dos trajos, o imponente dos prestitos, a folia e o bom humor do grande fundo de quadro vivo — o publico — e a belleza das moças brasileiras de olhos feitos de trevas e de luz.

• • •

Escrevo-lhes das Paineiras, a 465 metros sobre a cidade que dorme lá em baixo á beira da bahia, e que deixei ha pouco. Um paraizo de frescura esta região isolada, entre quebradas fundas cobertas de verdura, e de onde se vê o mar largo. Aqui respira-se a 20 centigrados. N um dia de pachorra mandarei talvez uma photographia e umas linhas de impressões collidas na montanha.

PEPE MISTERIO.

Amesquinhava-a aquella magestosa imponencia. O seu modesto vestuario, de classe média, era realmente um farrapo deante d'aquella sumptuosa roupagem, que lhe punha em redor um halo fulgurante, o esplendor glorioso de uma aurora boreal.

Arredando-a para o lado, a gloriosa ia seguir, ovante, no seu apothetico triumpho, mas a outra, avançando, tomou-lhe a frente, sem arrogancia, embora com altivez, interpellou-a brandamente:

— Por que me rebaixas e me humilhas com o teu tão alto desprezo? Que serias tu sem mim? Foi precisamente da minha insignificancia que nasceu a tua opulencia. Não existisse eu, simples e desprevenida de adornos, e ninguem se lembraria de me afrontar com a tua soberana magnificencia.

— Afasta-te, importuna. Repara na differença profunda que ha entre nós duas.

Sae-te deante de mim, plebéa misera. Eu sou o supremo triumpho, sou a magestade que se não abate. Olha para a minha fronte. Engrinaldam-na os surtos da arrojada concepção dos mais aptos: fixa bem o teu apagado olhar nos meus trajes regios; brilha n'elles o que de mais requintado pode imaginar o cerebro inexgotavel de um artista.

— E' bem certo, vaidosa.

Deram-te tudo e o brilho da tua supremacia ainda mais me diminue e anniquila.

E's grande, és nobre; mas lembra-te de que eu também tenho uma soberania, uma nobre magestade, que tu deves respeitar. Tu tens a magestade da tua grandeza, da tua faustosa opulencia; mas eu tenho a das mais gloriosas tradições.

Tu és de hontem. Eu tenho seculos de vida. A tua gloria começa agora. A minha, se se offusca em presença da tua, brilhava, fulgurante na Historia, que não esquecerá as minhas conquistas. Vence, domina, mas respeita a minha velhice. E's hoje rainha.

Possues o condão da eterna mocidade. Eu vivo das minhas recordações, que são também gloriosas. Respeita-as, que não te ficará menor por isso a magestade.

E modesta, envolta no seu triste manto negro, a rua do Ouvidor afastou-se para deixar passar a Avenida Central, que exuberava de graças, resplendente, sumptuosa, na magestade suprema da sua excelsa formosura.

FALSTAFF.

Mala Real Ingleza

Esta companhia poderosa é como que um grande polvo que serve as Ilhas Britannicas, estendendo os seus numerosos tentáculos pelo mundo. Se nos não engana a memoria, a sua fundação data de 1838, e o seu primeiro navio, de madeira, cruzou em 39 para a India. Só muitos annos depois, com a applicação do ferro a construcções navaes, se forjou o primeiro casco de ferro, começando em 51 o serviço para a America do Sul, em carreiras mensaes.

Era um passo dado para o estabelecimento das relações entre o Brasil e a Europa, exemplo que mais tarde foi seguido por outras emprezas. Em 69 essas carreiras estenderam-se até á Republica Argentina — carreiras que tres annos depois passaram a ser quinzenaes. E, pois a mais antiga companhia de navegação transatlantica, e a sua historia anda estreitamente ligada á historia marítima da Inglaterra, podendo servir de exemplos a guerra da Crimêa (1852-1855) e a guerra na Africa Oriental, quando navios seus tantos serviços prestaram em transportes de tropas.

A *Royal Mail* não estaciona; progride. Não se limita a dar-nos um beliche com um lavatorio de simplicidade primitiva: offerece-nos conforto. De 5.618 toneladas, como o *Clyde*, passou a 9.441, tantas são as do *Aragon*. Em seguida mandou para o mar o *Amazon* com 10.036. Depois veio o *Araguaya* com 10.537. Logo a seguir lançou á agua o *Aron* com 11.073, e em 24 de janeiro d'este anno mandou em passeio á Australia o *Asturias* com 12.500 toneladas, cabines que são ninhos de fadas, elevadores electricos, e um sem numero de commodidades e inventos que fazem lembrar as funambulescas ratices que cercavam o heroe que Eça de Queiroz inventou no seu patriótico livro, tão portuguez, *A cidade e as serras*.

O *Brasil-Portugal* nunca vinjou no *Asturias*, que em maio zarpará do Tejo de cristal a demandar as terras de Santa Cruz. Como e o mez das flores n'este torrão lisboeta, o *Brasil-Portugal* (um estacionario que se mantem bi-mensal, e não segue o exemplo da *Mala Real*, que faz cinco carreiras por mez) tomará passagem no mencionado *Asturias* e irá ver de perto a nova Avenida Central do Rio de Janeiro onde, galhardo, campeia o edificio que hoje se reproduz aqui.

D. Amelia, Rainha de Portugal

Radiante, a imagem d'ella, em Portugal, se erguia
D'entre as côrtes reaes da européa nobreza;
Flôr da illustre Orléans! que transplantara um dia
Na terra lusitana a aurea graça franceza!

Mais bella que a Rainha, emtanto, resplendia,
Soberana, a mulher, na egreja real
D'esse throno que tem entre os mais primazia,
Feito de luz e amor, de bondade e belleza!

Agora, o mundo a vê, o coração lanceado,
Em pranto, olhos no solo em convulsões fervendo,
D'esse «jardim da Europa á beira-mar plantado»

Mas, ha-de vel-a, e sempre, em impetos leoninos,
No carro ensanguentado a prole defendendo,
Só, com flôres nas mãos, recuando os assassinos!

Bahia, fevereiro, 1908.
(Da Nova Cruzada).

Arios.

Hermano Xavier

E' de hoje em diante effectivo collaborador artistico do *Brasil-Portugal*.

Os nossos leitores ja conhecem de diversos trabalhos o valor e o brilho do seu lapis, que, graças ás nossas instancias e á sua gentileza, vae mais assiduamente illustrar as paginas d'esta Revista.

THEATROS

D. Amelia, O leque. — **D. Maria, Mãe sina.** — **Gymnasio, Louraço Marques.** Está lá? **Mysterio, O faz tudo.** A' pesca de mil contos. — **Príncipe Real, Um policia amador.** — Alvaro — Lucinda do Carmo. — **Avenida, A B C.** — **Rua dos Condes.** — **Colysen dos Recreios.**

Os variados assumptos que constituem este numero deixam-nos um espaço tão apertado para satisfazermos hoje ás exigencias d'esta secção, que somos forçados a resumir em palavras rapidas o muito que precisamos dizer.

Em **D. Amelia** tem feito *O leque* a sua carreira triumphal. A lindissima comedia de Caillavet e Robert de Flers, os engenhosos e sentimentaes auctores de *O coração tem caprichos*, primorosamente transplantada para a nossa lingua pelo sr. Accacio de Paiva, e representada com excepcional brilho por Lucilia Simões, a encantadora Giselia, por Augusto Rosa, o impeccavel Francisco Trévoux, por



Mala Real Ingleza. — Edificio da agencia no Rio de Janeiro

Alves, que progride de dia para dia, por Angela Pinto, Chaby, Pinheiro, e outros artistas de merito, tem sido o encanto dos *habitués* do elegante theatro, que intercalladamente lhes tem offerecido, como variedade para o paladar artistico, *Os direitos paternos*, *O menino Ambrosio* e o *Salão do Thesouro velho*.

O sr. Bento Mantua, que já n'um despretencioso trabalho: *O novo altar*, se tinha revelado, acaba de confirmar qualidades incontestaveis de escriptor dramatico na *Mã sina*, que com exito se está representando em **D. Maria**.

Modestamente lhe chama elle episodio dramatico em 3 actos, mas a fórma por que o assumpto é tratado, o bem lançado e conduzido da acção, a intensidade theatral, a observação da vida aldeã, o cunho



O actor Alvaro

forte e accentuado dos personagens, a logica do desenlace, e a perfeição da linguagem regional, são tudo qualidades de monta, á farta enunciadas n'esses tres actos, que não fatigam nunca e prendem sempre a attenção de quem os escuta.

E' um trabalho que consagra de vez um nome, e que deu amplo ensejo a que se evidenciassem em todo o brilho as grandes qualidades artisticas de Brazão, que faz no *Manuel* uma das suas esplendidas creações.

Mas outros personagens de valor tem a peça, e os artistas esmeraram-se d'esta vez em arcar com todas as responsabilidades desempenhando-os á altura. Citar Joaquim Costa, no *Thomé*, Ignacio, no *Antonio*, em *Maria*, Palmyra Torres, no *Pedro*, Araujo Pereira, e dizer que todos elles representaram muito bem é simplesmente fazer justiça.

Tem-nos dado o **Gymnasio** a seguir tres comedias n'um acto, uma em tres actos, e outra em quatro. São as primeiras: *Lourenço Marques*, traducção de Julio de Menezes, que pelas situações comicas e pelo bom desempenho de Alda Soller, Albuquerque, Alegnim e Vieira Marques, fez rir o publico; a outra é *Está lá?* de André Brun, a cujo papel principal Telmo dá um espirituoso relevo; a terceira é *Mysterio*, de Xavier Marques, já provado n'outros traba-

lhos de theatro. E' uma comedia cheia de situações imprevistas e ditos espirituosos.

A comedia em tres actos é o *Faz tudo*, que Cardoso escolheu para a sua festa. E' um original inglez *arreglado* por Freitas Branco com a sua especial proficiencia no assumpto. Os papeis verdadeiramente comicos de Cardoso no *Faz tudo*, e dos outros artistas aos quaes estão confiados os principaes personagens, com tanta graça foram interpretados que os triumphos da peça de Freitas Branco se contam pelas representações.

Temos, por fim, *A' pesca de mil contos*, que Leopoldo de Carvalho, o antigo ensaiador do theatro, escolheu para a sua noite. Verteu-a do hespanhol o sr. Leandro Navarro, e com uma correcção de linguagem a que não estamos muito habituados.

E' uma peça bem feita, um pouco á antiga, mas ao mesmo tempo engraçada e logica. E é além de tudo um excellente ensejo para bem se evidenciarem os dotes comicos de Cardoso, Barbara, Telmo, Alegnim, Jesuina Saraiva, Rosa Andrade e Albuquerque, assim como foi um bello pretexto para os cumprimentos e louvores que Leopoldo recebeu n'essa noite festiva.

No **Principe Real** a *Nossa Senhora de Paris* deu logar a *Um policia Amador*. Ainda o publico estava sob a impressão do grotesco e miserio *Quasimodo*, a que o actor ALVARO, restrigido para a scena, veio dar relevo com o seu talento dramatico, comprovado n'uma vasta galeria de creações artisticas, quando subiu ao palco *Um policia amador*, esses quatro actos verdadeiramente sensacionais e rombolescos, que o sr. Freitas Branco livremente traduziu do allemão.

No desempenho tres artistas se salientam: LUCINDA DO CARMO, cujo retrato damos em medalhão ao lado de Alvaro, essa Lucinda que é uma das mais talentosas actrizes do theatro portuguez, a Griselia da



Alvaro, no «Quasimodo»



Lucinda do Carmo

peça, e Eduardo Vieira e João Gil. Não teem trabalho que deva ser citado os outros artistas. A Lucinda, na primeira noite de *Um policia amador*, que foi a da sua festa, couberam applausos, saudações e brindes.

A revista o *A B C*, em scena no **Avenida** foi um exito para Accacio de Paiva, e Ernesto Rodrigues, os seus auctores, para Calderon e Del-Negro, os auctores da musica, variada e alegre, para Palmyra Bastos, Cabral, o compadre da Revista, para Julia Mendes-Gomes, Alfredo de Carvalho, que o publico acolheu com a mais funda sympathia, e para os outros artistas que n'ella tomam parte, e tambem para Augusto Pina e Eduardo Reis, os dois brilhantes scenographos.

Tem revista para lavar e durar a empreza do **Avenida**.

Na **Rua dos Co-dos** o *Vae ou racha* continúa até á consumação dos seculos a occupar o cartaz e a encher a sala, e no **Colyseu dos Recreios**, que tem estado em descanso, o *Campeonato de lucta* faz a sua apresentação no dia 18, e juntamente com os hercules e atletas famosos, fará n'essa noite os seus primeiros cumprimentos, da arena do Colyseu á população de Lisboa, em bella linguagem... humana, o *Cão que fala*.